

Pela cidade

# Uma polêmica longe do fim

RENATA QUINTÃO/ARQUIVO PESSOAL

**O** sol voltou a brilhar para pit bulls, dobermans, rottweillers e filhas do Estado do Rio, que estavam proibidos de passear entre as 5h e as 22h. Mas a entrada em vigor da nova lei, dia 17 de setembro, não acabou com a confusão. Donos e criadores de pit bulls continuam se mobilizando para derrubar as restrições que a lei 3.205 ainda faz aos seus cães, como o uso da focinheira. É uma autêntica briga de cachorro grande.

Presidente da Associação Nacional pela Implementação dos Direitos dos Animais (Anida), a veterinária Andréa Lambert assume a frente da cruzada. Sem meias palavras. "A lei tem que cair. É o fruto da ignorância e do oportunismo de políticos interessados em aparecer, sem o menor embasamento técnico", acusa.

Para ela, o maior problema, além da discriminação das raças, é a punição a quem procura agir com responsabilidade, adestrando os cães para que não ofereçam perigo. "A maioria dos donos de pit bull age assim", garante.

O deputado estadual Noel de Carvalho (PMDB), um dos autores da lei, concorda que ela foi feita às pressas e precisa ser melhorada. A obrigação de esterilização também poderá ser revista. "Nossa intenção é ampliar a discussão, ouvir em audiências públicas tanto os criadores de pit bulls quanto as associações de moradores, e criar uma regulamentação que valorize a posse responsável", afirma Noel. Para ele, porém, era necessário aprovar uma lei com rapidez para resolver o problema dos cães que estavam ficando deprimidos por não poderem passear de dia.

E a campanha para dar mais liberdade aos cães promete ganhar as ruas. Renata Bitencourt, presidente do Pit Bull Club do Brasil, convoca para um protesto nas principais cidades do Brasil, dia 16 de outubro. A concentração, no Rio, será no fim da Praia do Leblon, de onde os cães e seus donos sairão às 14h numa cachorra até Copacabana.

"Queremos a Lei da Posse Responsável, que obriga o dono a responder pelos atos do animal, e que todos sejam registrados. Esperamos o melhor para os cães, sem atrapalhar as pessoas", afirma Renata.

Um protesto que certamente vai contar com a presença da tosadora Maruza Silva. Ela já havia conseguido uma liminar que garantia à pit bull Cléo, de dois anos e meio, o direito de passear à luz do dia. Ela faz coro e nega que a raça seja violenta. "Já fui atacada por cocker spaniel e por um sã bernardo, mas nunca por um pit bull", explica.

Ela e Andréa acreditam que as restrições só vão servir para piorar os problemas. "Um cão que não se exercita vai ficar mais irritado e com isso o número de ataques só tende a aumentar", prevê a veterinária. "Precisamos de uma lei verdadeira, e não de falsear a realidade com medidas inócuas", acrescenta.

Os deputados Carlos Minc e Alice Tamborindéguy, co-autores da lei, não quiseram comentar as críticas.



Renata Quintão com a sua pit bull Maya, que cresceu fora dos padrões por causa do estresse que uma disputa judicial causou

## Maya, a vítima de uma perseguição

Funcionária de uma pet shop, Renata Quintão sabe muito bem o que é a reação negativa aos pit bulls. Ela precisou até mesmo sair do prédio onde morava porque os vizinhos não aceitaram a presença de Maya, sua cadela, então ainda um filhote.

Tudo começou quando uma vizinha viu Maya e perguntou qual era a sua raça. Ao saber que era uma pit bull, deu início a uma batalha jurídica. "Um dia, recebi uma intimação, que me dava dez dias de prazo para tirar a Maya do apartamento. A vizinha alegava que a segurança das filhas dela estava ameaçada", conta Renata.

Maya passou alguns dias num sítio, onde foi atacada por outro cão, e depois se mudou para um hotel canino. Enquanto isso, Renata preparava a sua defesa, baseada em laudos veterinários que confirmavam a docilidade da cadela. "Ela não ataca nem se pisarem no rabo", diz. Maya ficou deprimida, só comia das mãos da dona e o trauma lhe deixou marcas. Não cresceu como deveria e ficou fora do padrão da raça.

Dias antes do julgamento, Renata estava certa da vitória. A juíza estava inclinada a dar-lhe o ganho da causa, mas uma nota publicada num grande jornal do Rio mudou o rumo da história. "O jornal dizia que havia uma 'feroz criatura à solta', ameaçando as netas de um escritor. Isso pegou mal e acabei perdendo a causa", lamenta Renata. Ela teve de se mudar e hoje toma todos os cuidados para evitar novos problemas. "Já usava focinheira antes mesmo da lei. Acho certo, porque protege a mim mesma dos outros", explica.

### Conheça os principais pontos da nova lei

**Equipamento** - Os cães só podem sair com coleira, guia, enforcador e focinheira. Para a professora da UFF Norma Labarthe, a focinheira põe a vida dos animais em risco, por dificultar a perda de calor. Andréa Lambert acredita que o mais adequado é usar o modelo com grade, que permite uma abertura lateral da boca. "Fazem menos mal, mas um animal com uso contínuo fica mais irritado", alerta.

**Acompanhante** - O condutor deve ser sempre maior de 18 anos.

**Punições** - Além da apreensão do animal, a multa para quem descumprir as normas pode chegar a R\$ 8 mil. Do total arrecadado, 70% vão para a Suípa.

**Permanência** - Fica proibida em praças, ruas, praças e parques públicos.

**Esterilização** - Todos os pit bulls com mais de seis meses de

idade devem ser esterilizados até 120 dias após a publicação da lei.

